



I EXPO DO SABER: DOS CONTOS DE FADAS AO CINEMA SOMOS TODOS IGUAIS NOS DIREITOS E NAS DIFERENÇAS

Wellisson Kássio Vicente Vital¹
William Christian Santos de Moraes²
Janiele Alexandre da Silva³
Fátima Cavalcante⁴
Waldney Oliveira⁵
Maria Viviane Santos Silva⁶
Fabiana Domingos Alves⁷
Nivalda Vieira dos Santos⁸
Viviane de França Souza⁹

RESUMO

Diante disso na sala de aula conhecida como Pré I e II, existia um aluno, a saber, filho da própria gestora que dizia não gostar da própria cor de sua pele, como também não aceitava seus pares, e escolhendo brincar e sentar ao lado de quem tivesse a pele mais clara. Então conversando com sua mãe, a mesma explicou que desde bebê seu filho foi rejeitado por conta de sua cor de pele e a dita cuja se retirava dos lugares que seu filho não era aceito. Sendo assim foi feito uma intervenção de forma lúdica para trabalhar o livro infantil, O cabelo de Lelé de Valéria Belém, que aborda sobre a beleza da herança africana. Envolveu toda a turma, pois havia umas meninas com os cabelos afro, e assim a história abordada relata exatamente a turma necessitava. Para complementar foi introduzido a música da Xuxa, *Você vai gostar de mim*, que fala sobre o respeito às diferenças dizendo ao final, para os pequenos, que “todos nós devemos respeitar e amar o nosso coleguinha do jeitinho que ele é”. Feito isso, pois todos sentados em uma roda, e se caracterizou, imprimiu uma página do livro que exemplifica os diversos tipos de cabelos e mostrou para eles. Quando concluiu, entregou uma folha de papel ofício para cada um pedindo

¹Graduado pelo Curso de Pedagogia da Faculdade de Ensino Regional Alternativa - FERA, wellissonwk@hotmail.com;

²Graduado pelo Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, Professorwilliam1@outlook.com.

³ Graduado do Curso de Pedagogia da Faculdade Instituto de Educação e Tecnologias – Inet, janielemoraes7@gmail.com;

⁴Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Ensino Regional Alternativa - FERA, m.fatima2011@live.com;

⁵Graduada em Pedagogia, e pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Neuropsicopedagogia, Universidade Tiradentes - UNIT, @email.com;

⁶ Graduado pelo Curso de Licenciatura em Biologia da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, vivi-anel@hotmail.com;

⁷Graduada em Pedagogia pela A Universidade Norte do Paraná (Unopar), nivalda.v santos@gmail.com;

⁸Graduado pelo Curso de Pedagogia da Faculdade de Ensino Regional Alternativa – FERA, fabiana.dad@hotmail.com;

⁹Graduado pelo Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Alagoas – UFAL e pós-graduada pela Faculdade de Ensino Regional Alternativa- FERA, vivianefsufal@gmail.com;



que representassem o estilo de cabelo de lelê que mais gostaram e depois apresentassem para os colegas. O resultado foi surpreendente! Solicitei que a professora guardasse todos eles para expor na atividade que seria desenvolvida na semana da Consciência Negra.

Palavras-chave: Consciência Negra, Cabelo de Lelê, Preconceito, Educação Emocional, Cultura.

INTRODUÇÃO

Meu relato de experiência está embasado na oportunidade de trabalho que recebi na Escola de Educação Básica Construindo o Saber, instituição privada, por indicação do meu namorado William Christian que, há pouco mais de dois meses, estava atuando como coordenador pedagógico na mesma. Localizada no Bairro Primavera, periferia da cidade de Arapiraca – Alagoas, a comunidade escolar em questão atende da Educação Infantil ao Fundamental II (anos iniciais).

Passei a atuar na escola como vice-coordenadora, notei que na sala da Educação Infantil, especificamente do Pré I e II, existia um aluno, a saber, filho da própria gestora que dizia não gostar da cor de sua pele, como também não aceitava os seus pares escolhendo brincar e sentar ao lado de quem tivesse o tom da pele mais claro. Conversando com sua mãe foi esclarecido que desde bebê, seu filho foi vítima de racismo, pois uma conhecida todas as vezes que chegava à sua casa falava e brincava com a sua outra filha, contudo menosprezava-o ao deixá-lo de lado. Quando ela percebeu essa situação passou a se retirar junto com seus filhos dos locais que a dita cuja chegava. Sendo assim, por eu também ser negra e ter passado por situações constrangedoras em todo o meu processo estudantil, tal como com a família do meu ex-namorado, levei a situação para o coordenador no qual me orientou a trabalhar, de forma lúdica, o livro infantil “O cabelo de lelê”, de Valéria Belém¹⁰, que aborda sobre a beleza da herança africana.

Então planejei uma intervenção que envolvesse toda a turma e orientei a professora da turma para aplicar essa atividade. No dia escolhido para contação da história, a professora introduzi a aula colocando a música da Xuxa, *Você vai gostar de mim*, que fala sobre o respeito às diferenças dizendo ao final, para os pequenos, que “todos nós devemos respeitar e amar o nosso coleguinha do jeitinho que ele é”. Feito isso, pois

¹⁰ BELÉM, Valeria. O Cabelo de Lelê - 2ª ed. Editora: IBEP, 2012. p. 32.



todos sentados em uma roda, e se caracterizou, imprimiu uma página do livro que exemplifica os diversos tipos de cabelos e mostrou para eles. Quando concluiu, entregou uma folha de papel ofício para cada um pedindo que representassem o estilo de cabelo de lelê que mais gostaram e depois apresentassem para os colegas. O resultado foi surpreendente! Solicitei que a professora guardasse todos eles para expor na atividade que seria desenvolvida na semana da Consciência Negra. Curioso, meu coordenador foi na sala dois dias depois para analisar o que a turma aprendeu. Segundo ele, ficou maravilhado ao ouvir deles que a história contada pela tia falava de uma menina chamada lelê que não gostava do seu cabelo, mas a partir do momento em que ela viu como era bonito e o aceitou, percebeu que poderia fazer vários modelos usando a sua criatividade numa verdadeira obra de arte. Além disso, a história chamou mais ainda a atenção das meninas negras e de cabelo afro que em alguns momentos não se aceitavam ao verem as coleguinhas com cabelos lisos. Mas depois da história as mesmas ficaram encantadas no sentido de identificação e pertencimento.

No tocante ao aluno que me incentivou e/ou inspirou a promover esse momento, conversei com ele a respeito do que tinha achado da história enfatizando também sua beleza negra. Sua resposta foi tão singela ao ponto de encher meus olhos de lágrimas. Ele disse que gostava de mim mesmo eu sendo da cor dele então ia gostar, sentar e brincar com todos os coleguinhas mesmo eles sendo diferentes. Apesar de não parar por aqui, chamo a atenção acerca da importância de se trabalhar o respeito, o amor, a amizade, a empatia durante todo o processo educativo que visa favorecer a socialização da criança já que é nessa fase que as primeiras noções de valores morais, convívio social começam a ser aprimorados junto com as suas capacidades cognitivas.

Havia uma criança que há dias não aparecia na escola e sempre que buscava informações com meus superiores os mesmos diziam que os pais não davam nenhum feedback que justificasse a sua ausência. Contudo, quando se tornou assíduo, observei que era um aluno muito inteligente, porém retraído. Por não saber pegar no lápis, com quase seis anos de idade, tinha medo de fazer as atividades e ao insistir argumentava que não ia conseguir, ficando tremulo e com crise de choro. Por vezes, falei que eu estava ao lado dele para ajudar e quando errava, parabenizava-o pela tentativa afirmando que na próxima faria melhor. Paralelamente tinha outra criança que nesse sentido partia meu coração mais ainda ao ouvir dela que não conseguia fazer nada que era passado na escola



visto que a própria mãe fazia-a acreditar nisso ao elogiar apenas seus priminhos ou os filhos do vizinho alegando que ela era “burra”, “lerda”. Não distante disso acontecia algo semelhante ou até mesmo mais agravante nas duas turmas do Fundamental II quanto ao emocional que ia do bullying a depressão.

Outra situação que me instigou a buscar ajuda para intervir, foi a de uma aluna com deficiência física. Segundo relatos do meu coordenador e de outras professoras que faziam parte da antiga gestão da escola, essa criança era excluída de participar de toda e qualquer atividade que envolvesse a mobilidade. Pois a mesma necessitar de total ajuda para se sentar, ir ao banheiro, lanche incluía-la nas brincadeiras ficava em última instância apesar de que a família estava ciente que havia uma cuidadora para ela, mas na verdade, a que a antiga gestora apresentava como tal, era a auxiliar de outra turma. Como cheguei à instituição nos primeiros dias da posse da nova diretora que estava reorganizando o quadro de funcionários, elaborando as datas das reuniões pedagógicas para organização dos projetos curriculares, entre outras atividades, resolvi a partir dos relatos de sala das professoras e das dificuldades tanto em questões físicas quanto cognitivas que percebi existir nos alunos, resolvi estruturar um projeto que visasse melhorar a nossa realidade educativa. Foi então, que idealizei a I Expo do Saber com o tema: “Dos contos de fadas ao cinema somos todos iguais nos direitos e nas diferenças”. O qual ermos relatar como se deu neste trabalho.

METODOLOGIA

Nas reuniões, o psicopedagogo Kássio Vital orientava quanto à postura em sala e a suma importância que o olhar docente tem no quesito de diagnosticar comportamentos que indicam certo gosto, alguma dificuldade ou transtorno para assim, pedir ajuda ou até mesmo organizar uma atividade de intervenção.

Como eu já tinha trabalhado na Educação Infantil acerca do racismo e preconceito em outras escolas, meu coordenador a partir das observações feitas no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cujo tema foi “Bullying na Escola”, me incumbiu a trazer uma palestra para as turmas do 5º ao 7º ano com auxílio do psicopedagogo, como primeira medida no desenvolvimento das ações que visavam a I Expo do Saber. Como vemos na imagem 1 poste do evento a seguir.

Imagem 1: Cartaz da I Expo Construindo o Saber



Fonte: Próprio autor.

Foi uma experiência bastante desafiante, mas ao mesmo tempo muito reveladora que nos fez entender um pouco mais da realidade vivenciada por jovens que acabam respondendo aos estímulos emocionais em forma de agressão, isolamento, baixo rendimento escolar e por vezes, através do absenteísmo. Como vemos nas imagens 2 e 3 a seguir.

Imagem 2: Palestrante Janiele Silva



Fonte: Próprio autor.

Imagem 3: Palestrante Kássio Vital



Fonte: Próprio autor.

Usando as dinâmicas intituladas de “Caixa do Medo” e “Empatizando”, como vemos nas imagens 4 e 5 ajudei aos professores a intervirem nessas turmas junto com a professora titular do 5º ano. A ideia para essa turma que acabou sendo expandida para as demais, foi fazer um levantamento acerca dos livros infantis e dos filmes que os alunos mais gostavam e escolher um, entre eles que melhor atendia a proposta do tema escolhido para a expo fazendo-os assim protagonistas e participantes ativos das atividades posteriores.



Imagem 4: Empatizando



Fonte: Próprio autor.

Imagem 5: Livro Cabelo de Lele



Fonte: Próprio autor.

A turma do maternal ficou com o clássico O Patinho Feio; a turma do pré com o filme infantil Dumbo; o 1º ano com a história do Sherek; 2º ano com a História da Menina Bonita do Laço de Fita; 3º ano o icônico clássico A Bela e a FERA; as turmas do 4º e 5º ano com o filme O Mistério de Feiurinha e por último as duas turmas do Fundamental II (6º e 7º ano) com o Musical O Mágico de Oz.

O ponto em comum de todos esses livros e filmes é o respeito às diferenças. Cada turma juntamente com sua respectiva professora trabalhou tais temáticas ampliando a aprendizagem ao longo de quase dois meses através de atividades lúdicas como contação de história, música, teatro, dança, desenhos ilustrados, pintura, confecções de figurinos, vídeos e atividades, inicialmente, expostos em sala, mas no dia da culminância foram fixados na parte externa do auditório do Planetário e Casa da Ciência localizado no Lago Perucaba, bairro Zélia Barbosa, Arapiraca-Alagoas, para os pais e todo público que se interessou em prestigiar. Foi um momento singular onde os próprios alunos apresentavam seus materiais produzidos.

Imagem 6: Painel sobre consciência Negra



Imagem 7: Painel de exposição¹¹





Fonte: Próprio autor.

Fonte: Próprio autor.

REFERENCIAL TEORICO

A partir da minha experiência em sala de aula, das orientações do meu coordenador pude intervir com a contação de histórias a princípio e pude expandir de tal forma que conseguimos realizar a expor. Me inspirei obras literaris que tratavam do preconceito e bulling. Por meio de obras literaris como cabelo de lelê, dumbo, pude trabalhar essas temáticas no desenvolvimento de atividades pedagógicas com alunos Pré I e II, que puderam ser expostas para toda comunidade, pais, professores, educadores. A escolha dessas obras se justifica pela sua relevância e aplicabilidade no contexto escolar problemático que foi diagnosticado nas turmas. Escrita por Valeria Belém,

a presente obra retrata a história do personagem ‘Lelê’ e sua experiência de não aceitação de uma identidade étnico/estético-cultural (representada na obra pelo seu cabelo) até a compreensão de suas raízes e do funcionamento de sua cultura. A obra contempla as matrizes afro-brasileiras, explicitando conforme, um crescimento da importância da conscientização sobre esta temática desde a infância. (LIMA JUNIOR E FREITAS, 2015 *Apud* JUNIOR, 2017, p.p. 130-131).

Diante da riqueza cultural da obra pudemos aplicar e obter excelentes resultado. Além dessa, também fizemos uso

A turma do maternal ficou com o clássico O Patinho Feio; a turma do pré com o filme infantil Dumbo; o 1º ano com a história do Sherek; 2º ano com a História da Menina Bonita do Laço de Fita; 3º ano o icônico clássico A Bela e a FERA; as turmas do 4º e 5º ano com o filme O Mistério de Feiurinha e por último as duas turmas do Fundamental II (6º e 7º ano) com o Musical O Mágico de Oz. O Patinho Feio Dumbo A Bela e a FERA O Mistério de Feiurinha o Musical O Mágico de Oz



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da intervenção foi obtido os resultados esperado, pois os clássicos infantil que foi trabalhos em cada turma teve um objetivo de acordo com a necessidade de cada uma.

Os resultado foi surpreendente, pois os alunos progrediram nos aspectos que necessitavam. Aqueles que não aceitavam sua cor de pele, começaram vê a beleza da cor negra, e que a cor não importante, não faz ele ser menos inteligentes que os demais, as meninas que não gostavam dos eu cabelo por ser afro, percebeu que poderia fazer vários modelos, tão somente usar a criatividade. E por fim se conscientizaram que devem respeitar as diferenças. Independente, das suas diferenças todos são iguais e podem aprender coisas novas com o outro.

Durante o projeto, os mecanismos usados para desenvolver e acompanhar a aprendizagem dos alunos foi observar de que ponto as relações interpessoais construídas uns com os outros melhoraram no que diz respeito à interação, emoções, ações e atitudes e se estas enfatizavam que, independente, das suas diferenças todos são iguais e podem aprender coisas novas com o outro.

A culminância do projeto causou uma tamanha euforia nos alunos que os mesmos passaram a se demonstrar valorizados e empenhados a proporem e desenvolverem novas atividades. Sempre aos intervalos comentavam o que tinha acontecido nos ensaios, nas apresentações, confecções de materiais, os comentários dos pais acerca do evento e tudo isso em uma roda que não se limitava a faixa etária. Os professores, ficaram maravilhados em ver como é relevante exercitar a escuta as queixas, dilemas, problemáticas dos alunos ao invés de ficarem repreendendo ou fazendo cobranças de resultados e comportamentos que não são estimulados, orientados. Todo aluno tem o que oferecer basta tão somente darmos as condições necessárias para esse processo acontecer.

Todo o corpo profissional, inicialmente, se sentiu inseguro, pois na antiga gestão não possuíam liberdade para participarem e/ou organizarem, de maneira efetiva, nenhuma atividade que de fato atendesse o histórico dos alunos em sua real necessidade o que se tinha era uma tentativa fracassada por sinal, de copiar a identidade e os resultados de outras instituições de ensino, que no final atrelava-se aos profissionais à culpa do insucesso. No entanto, demos as mãos e auxiliamos uns aos outros demonstrando interesse e afeto na prática. Quem leciona na Educação Infantil e Fundamental I, passou a avaliar o comprometimento das crianças em meio às dramatizações, dos desenhos feitos pelos mesmos, da oralidade e expressões faciais acerca do que traziam para a sala.

A equipe escolar e os demais envolvidos obtiveram um ganho amplo, pois cada um contribuiu para o aperfeiçoamento dentro de suas competências e conhecimentos, independentemente, da formação acadêmica. Talvez, se desde os antigos gestores a escola já tivesse projetos fixos, processuais e ligados a cultura da comunidade escolar, não tivéssemos enfrentado resistência de alguns pais. Por, especialmente, na Educação Infantil, existir crianças do Candomblé, ao abordarmos a temática respeito às diferenças os responsáveis destas se sentiram ofendidos ao entenderem que a escola estava



procurando a respeitar suas crenças e cor a partir daquele evento, não querendo compreender que, a sociedade é mista e reflete-se diretamente no âmbito educacional e por mais esforços que tenhamos haverá aqueles que se sentirão sem representação ou acabarão se excluindo, pois se fecham em suas verdades e não permitem que o outro lhe apresente a verdadeira realidade.

Tal situação poderia ser mudada se estes dessem um voto de confiança ao trabalho proposto participando ativamente da rotina estudantil dos seus filhos, acompanhando-os junto com as professoras, investindo no emocional e fazendo sua parte sem lacunas. Para tanto a escola passou a promover, em parceria com o Projeto Voluntariado Professores da Alegria, Capacitações Pedagógicas, Formações e Palestras para os pais e professores. Todavia o corpo docente e os que fazem parte da educação como um todo precisa buscar conhecimentos para assim termos um âmbito escolar saudável, acessível humano e efetivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero o planejamento, desenvolvimento, culminância e os resultados da I Expo do Saber de uma relevância inquestionável para a minha aprendizagem enquanto ser social e vice-coordenadora da instituição. Poder ajudar vidas partindo das minhas experiências de infância, adolescência e juventude trouxeram uma sensação de dever cumprido, de utilidade e valor humano, através da minha profissão.

Reforcei o tanto que o outro é importante para firmar a minha própria identidade quanto para denegri-la independente de sua cor, cabelo, credo, status social, político ou econômico. Contudo, é preciso ver o meu semelhante desprovido de um olhar julgador a ponto enxergá-lo com respeito a sua história. A aluna com deficiência física, infelizmente, só não participou da culminância do evento devido alguns problemas familiares, mas durante todo o período de desenvolvimento esteve inclusa desenvolvendo habilidades através dos estímulos que eram propostos dentro de suas limitações e a que antes ficava numa cadeira isolada da mesinha dos demais alunos, passou a ser cuidada como também disputada por eles pertinho que interagiam de forma afetiva.

Faz-se necessário que a escola se atente as necessidades dos alunos, fazendo com que esses alunos se sintam integrados, inseridos de forma clara e objetiva. Suas ações têm quer ser literalmente inclusiva, não apenas no papel, proporcionando um ensino de



qualidade com projetos pedagógicos inclusivos e real compreensão acerca da relação afetiva entre professor e aluno no âmbito escolar tal como sua importância na formação integral desse educando, analisando como a afetividade contribui no desenvolvimento do aluno como ator social e influencia no ensino-aprendizagem.

No campo do compromisso profissional, usei meus conhecimentos para atender as necessidades de cada quesito e assim aplicar novos mecanismos onde, a metodologia tradicional oprimida, passou a ser a metodologia da autonomia favorecendo cada aluno, no seu ritmo de aprendizagem, na busca de autoconhecimento e luta por seus direitos na sociedade a qual são inseridos. Quando tomei consciência que meu papel de vive-coordenadora podendo interferir ou contribuir na elaboração de projetos, atividades e mecanismos de intervenção que se caracterize como facilitadores no fluir da aprendizagem dos alunos quanto dos docentes e pais, não limitei esforços. Acima de tudo encontrei um ambiente favorável que acolheu minhas ideias e valorizou-me enquanto profissional no sentido de orientar como também de amadurecer e revisar as propostas para o momento oportuno.

Em suma ampliei minhas propostas didáticas, me reinventei, passei a ser pesquisadora de mim mesma ao explorar habilidades e competências, intensifiquei meu campo de leitura, pois é por meio dela que exercitamos uma boa oralidade para nos comunicarmos de forma sucinta e objetiva, após palestrar para as turmas maiores a partir do livro *Inteligência Socioemocional*, de Augusto Cury ao qual me deu respaldo de como orientar filhos e alunos no gerenciamento de pensamentos, no controle da ansiedade, como saber lidar com as frustrações e perdas advertindo-os que a vida não é apenas dias ensolarados, às vezes também surgem dias chuvosos, mas todos são necessários para a nossa aprendizagem. Por fim, tornei-me integrante assídua do Projeto Professores da Alegria, ao qual tanto meu coordenador quanto o psicopedagogo fazem parte, atuando na equipe diretiva na promoção de Palestras, Plantões Pedagógicos, Workshops, Simpósios entre outros que visa o aprimoramento e a inovação das ferramentas educativas em escolas, hospitais e instituições filantrópicas.



REFERÊNCIAS

BELÉM, Valeria. **O Cabelo de Lelê** - 2ª ed. Editora: IBEP, 2012. p. 32.

CURY, Augusto. **Inteligência Socioemocional: Ferramentas Para Pais Inspiradores E Professores Encantadores**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2019.

JUNIOR, Agnaldo Mesquita de Lima; TAUCHEN, Gionara. **O Cabelo De Lelê: Reflexões Sobre Educação, Cultura e Identidade**. Momento: diálogos em educação, Rio grande do Sul, v. 26, n. 2, p. 129-145, jun./2017.